TODOS OS HOMENS DO PRESIDENTE, PARTE 3: MARCO RUBIO

*Por Hamid Hajizadeh**



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

De rival de Trump a secretário de Estado, Marco Rubio liderou a diplomacia americana na guerra de quarenta dias contra o Irã, e após a derrota republicana, seu silêncio e a dúvida sobre 2028 revelam as fraturas internas do partido.

DA RIVALIDADE AO ALINHAMENTO

Um antigo provérbio asiático diz que os filhos se parecem com seus pais. Embora esse talvez não seja um princípio confiável para se aplicar a alguém que mencionou que sua mãe teve vários relacionamentos, ele certamente parece se aplicar a Marco Rubio: filho de um pai imigrante trabalhador e com grandes sonhos.

Marco Rubio está entre aqueles políticos cuja trajetória de vida e ascensão política refletem uma faceta do “Sonho Americano”: a possibilidade de que uma criança nascida em uma família imigrante possa ascender, a partir da classe média, a um dos cargos políticos mais influentes dos Estados Unidos.

Rubio nasceu em 28 de maio de 1971, em Miami, Flórida, em uma família de imigrantes cubanos. A experiência de imigração de sua família, somada aos relatos que ouviu em casa sobre o governo comunista de Cuba, especialmente os de seu avô, desempenhou um papel fundamental na formação de sua visão política. Mais tarde, Rubio tornou-se um crítico proeminente do governo cubano e um defensor de uma política externa americana rigorosa em relação a governos que se opõem a Washington. Sua carreira política começou em 1998, quando ingressou na Câmara Municipal de West Miami. Em 2000, foi eleito para a Câmara dos Representantes da Flórida e, em 2006, tornou-se seu presidente (*Speaker*), cargo que ocupou até 2008.

O ponto de virada em sua trajetória política ocorreu em 2010, quando ele chegou ao Senado dos Estados Unidos. Em 2016, Rubio também disputou a nomeação presidencial pelo Partido Republicano, mas retirou-se da corrida após ser derrotado nas primárias da Flórida.

DA RIVALIDADE À COOPERAÇÃO

Curiosamente, poucos anos depois, o próprio Donald Trump, que outrora fora seu rival eleitoral, escolheu Rubio para atuar em sua administração. Em janeiro de 2025, Rubio foi confirmado como secretário de Estado com o voto unânime de 99 senadores, tornando-se o primeiro integrante do segundo governo Trump a receber a confirmação do Senado.

Para Rubio, contudo, o Departamento de Estado representava muito mais do que um simples cargo no Poder Executivo. Tendo passado anos como membro da Comissão de Relações Exteriores do Senado, ele estava, agora, em uma posição que lhe permitia desempenhar um papel direto na formulação e na implementação da política externa americana.

RUBIO E O INÍCIO DA GUERRA DE QUARENTA DIAS

Para compreender a posição de Rubio sobre a guerra entre os Estados Unidos e o Irã, é necessário revisitar suas declarações e posicionamentos antes do início da operação militar. Em 15 de fevereiro de 2026, durante uma visita à Eslováquia, ele foi questionado sobre a possibilidade de um ataque militar contra o Irã. Ele enfatizou que a diplomacia continuava sendo a opção preferencial, afirmando que Trump desejava resolver a questão por meio de negociações e que Washington permanecia focada no processo diplomático.

No entanto, poucas semanas depois, com o lançamento de ataques conjuntos dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã, em 28 de fevereiro, sua posição entrou em uma fase diferente. Em 2 de março, ao explicar as razões da entrada dos EUA na guerra, Rubio afirmou que Washington estava ciente dos planos de Israel de realizar uma operação militar contra o Irã e que previa que tal operação desencadearia um ataque iraniano contra as forças americanas. Segundo Rubio, os Estados Unidos decidiram agir de forma preventiva para evitar um número maior de baixas.

É claro que as declarações públicas de Rubio sobre os motivos da guerra não devem, por si sós, ser consideradas prova de que ele participou diretamente da tomada da decisão final. Avaliar seu papel preciso exige mais evidências.

À medida que a guerra prosseguia, Rubio defendeu os objetivos militares da administração. Em uma entrevista à *Al Jazeera*, no dia 30 de março, embora reiterasse a preferência de Trump pela diplomacia, ele defendeu a reabertura do Estreito de Ormuz e o encerramento dos programas de mísseis e nuclear do Irã.

Rubio também destacou o enfraquecimento das capacidades aéreas, navais e de mísseis do Irã como um indicador importante da eficácia da operação militar. Ele argumentou que a manutenção das capacidades iranianas em mísseis e drones poderia ameaçar a segurança dos países da região e das forças americanas.

No dia 31 de março, ele declarou que Washington vislumbrava o fim da operação militar. Ele mencionou trocas de mensagens entre os dois lados e a possibilidade de um encontro direto. Essas posições sugeriam que Rubio, ao menos em suas declarações públicas, adotava duas abordagens paralelas: pressão militar e econômica, por um lado, e negociações voltadas para o encerramento da guerra, por outro.

RUBIO E AS NEGOCIAÇÕES PÓS-CESSAR-FOGO

Depois do cessar-fogo em abril de 2026, o papel de Rubio na definição da estrutura das negociações tornou-se cada vez mais relevante. Tendo defendido as políticas militares da administração Trump ao longo de todo o conflito, ele passou a ser, na qualidade de secretário de Estado, o responsável por buscar os objetivos norte-americanos por meio da diplomacia.

Em 2 de junho de 2026, durante uma audiência no Comitê de Relações Exteriores do Senado dos Estados Unidos, Rubio delineou a posição da administração Trump sobre as condições para um acordo com o Irã. A reabertura do Estreito de Ormuz, restrições nucleares de longo prazo, a definição do *status* do urânio altamente enriquecido e o fim do apoio do Irã a grupos armados regionais estavam entre as questões que ele enfatizou. Rubio deixou claro que Washington não estava disposta a suspender o bloqueio aos portos iranianos e as sanções econômicas apenas em troca da reabertura do Estreito de Ormuz. Segundo ele, qualquer acordo teria que incluir, também, negociações voltadas para a imposição de restrições sérias e de longo prazo ao programa nuclear iraniano.

Na prática, a abordagem de negociação de Rubio poderia ser vista como uma continuação da mesma política que a administração Trump adotou ao longo do conflito: o uso de pressão militar e econômica para obter concessões que iam além de uma simples cessação das hostilidades. Sob essa ótica, a diplomacia não significava, necessariamente, abandonar os objetivos declarados dos Estados Unidos ou retornar a negociações sob as condições que

existiam antes da guerra. Pelo contrário, representava uma oportunidade de converter conquistas militares e pressão econômica em concessões políticas e estratégicas adicionais.

Em outras palavras, embora enfatizasse a necessidade de negociações, Rubio continuou a buscar o que Washington considerava ser seu interesse nacional por meio da imposição de demandas americanas maximalistas. Essa abordagem sugeria que o fim das hostilidades militares não significaria, necessariamente, o encerramento da campanha de pressão contra o Irã.

É importante, contudo, distinguir entre a busca pelos interesses americanos por meio de negociações e a possibilidade prática de alcançar todas as exigências de Washington. A apresentação de condições maximalistas por uma das partes em uma negociação não significa, por si só, que tais condições serão aceitas ou atendidas. De modo geral, a postura de Rubio indicava que ele não via a diplomacia e a pressão como estratégias opostas; ele encarava as negociações como parte de uma estratégia americana mais ampla para atingir seus objetivos em relação ao Irã.

A DERROTA REPUBLICANA E O SILÊNCIO DE RUBIO

As eleições de meio de mandato de 3 de novembro de 2026 podem ser consideradas um dos principais pontos de virada política para o segundo mandato da administração Trump. As vitórias dos Democratas nas eleições, tanto para a Câmara dos Representantes quanto para o Senado, desferiram um duro golpe na posição dos Republicanos. O aumento do custo de vida, os preços da energia, as políticas internas da administração e a guerra com o Irã estiveram entre os fatores examinados nas análises dos resultados eleitorais. Contudo, a reação de J. D. Vance à derrota atraiu ainda mais atenção.

Ao contrário de Vance, Rubio não atribuiu toda a culpa à guerra. Em suas declarações públicas, o vice-presidente havia apontado a guerra com o Irã como o principal motivo da derrota dos Republicanos. Vance foi além, enfatizando que qualquer um que acreditasse que perder a maioria no Senado valeu a pena para dar continuidade à guerra deveria defender abertamente essa decisão.

Embora Trump também tenha reconhecido o impacto da guerra nos resultados eleitorais, ele continuou a defender sua decisão de entrar no conflito, afirmando que, se as mesmas circunstâncias surgissem novamente, ele tomaria a mesma decisão.

O silêncio de Rubio é notável por várias razões:

Primeiro, desde o início da guerra, ele defendeu as políticas da administração na qualidade de secretário de Estado e desempenhou um papel ao explicar os objetivos militares dos Estados Unidos e negociar condições. Segundo, diferentemente de Vance, ele não tentou, em suas declarações públicas, distanciar-se da responsabilidade política da administração pela guerra.

Embora seu silêncio não possa ser interpretado como evidência de discordância em relação a Trump ou de concordância com a avaliação de Vance, ele merece destaque em um momento em que o futuro posicionamento político do Partido Republicano e a responsabilidade por sua derrota eleitoral tornaram-se questões sérias.

FUTURO POLÍTICO: FICAR, OU SAIR E SE PREPARAR PARA 2028?

Outra questão que surgiu recentemente nas discussões sobre Rubio é a possibilidade de sua saída da administração Trump. Em uma reportagem publicada no dia 5 de novembro, o jornal *The Independent* afirmou que ele estaria prestes a deixar a administração e, possivelmente, preparando-se para a corrida presidencial de 2028. No mesmo dia, a *Bloomberg* publicou uma reportagem indicando que Rubio e seus assessores estariam avaliando opções para o futuro, incluindo a possibilidade de ele deixar a administração.

Algumas análises também sugeriram que o distanciamento das consequências políticas de uma guerra com o Irã poderia ser uma das possíveis motivações por trás de tal decisão. Nesse sentido, surgiu a teoria de que Rubio poderia buscar, gradualmente, distanciar-se dos custos políticos de sua associação com Trump, a fim de preservar sua posição em futuras disputas políticas.

No entanto, essa hipótese, que parecia previsível desde o início, perdeu força aos poucos, por diversos motivos:

Autoridades da Casa Branca e do Departamento de Estado refutaram as notícias de que Rubio planejaria renunciar. O próprio Rubio, em entrevista ao *The New York Times* em 5 de novembro, afirmou que seu plano era servir a Trump até o fim de seu mandato presidencial. Ele também declarou que não faria mais comentários sobre a eleição de 2028. Apesar dessas negativas, o futuro político de Rubio continua sendo um fator relevante no contexto das disputas internas de poder dentro do Partido Republicano.

Tanto Rubio quanto Vance são figuras cujos nomes aparecem em especulações sobre quem poderia suceder Trump. Suas posições divergentes em relação a uma guerra com o Irã também podem se tornar um ponto importante em futuras competições políticas dentro do Partido Republicano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Marco Rubio é um político que construiu grande parte de sua projeção com base em posições de linha-dura na política externa. No governo Trump, ele se viu em uma posição na qual precisava equilibrar diplomacia, pressão econômica e a opção militar.

A guerra com o Irã tornou-se, agora, um dos capítulos mais importantes de sua trajetória política. Para além de suas consequências regionais e internacionais, o conflito também impôs custos políticos consideráveis ao Partido Republicano. Em uma primeira fase, Rubio

defendeu a operação militar do governo. Na fase seguinte, buscou alcançar os objetivos maximalistas dos Estados Unidos por meio de negociações. Agora que a guerra se tornou um dos fatores controversos associados à derrota eleitoral dos republicanos, o futuro político de Rubio enfrenta novas incertezas.

A questão central é se Rubio continuará a definir seu futuro político seguindo a trajetória traçada por Trump, ou se, eventualmente, decidirá trilhar um caminho independente. E se, um dia, ele decidir deixar o governo, essa saída será apenas um passo para ingressar na corrida presidencial, ou poderia ser também uma tentativa de se distanciar das consequências políticas de uma guerra com o Irã?

As respostas a essas perguntas permanecem incertas. O que é certo, contudo, é que a guerra com o Irã tornou-se, agora, um fator decisivo não apenas nas relações entre Washington e Teerã, mas também nos futuros cálculos políticos do Partido Republicano.

***Hamid Hajizadeh** é jornalista iraniano, escritor e poeta persa residente nos Emirados Árabes Unidos. Hamid é analista político e especialista em Turquia, Afeganistão e nos países do Golfo Pérsico. É formado em engenharia econômica e apresentador-especialista em programas de rádio do Irã.*
